

DIVERSIDADE MUSICAL E OS JOVENS: RELATO DO TRABALHO REALIZADO NAS OFICINAS E RECITAL DIDÁTICO.

Thiago Paulo da Silva
thiagopaulo25@hotmail.com
Universidade de Brasília

Resumo: Este artigo é um relato de conclusão do projeto de pesquisa “Recital didático e formação de plateia na prática docente, através da diversidade musical” realizado por três acadêmicos do curso de música UAB/UNB, e desenvolvido com 70 jovens do 9º ano do ensino fundamental. O objetivo deste é descrever as etapas preparatórias de elaboração do projeto, sua implementação, análise dos dados e, por fim, discutir sobre os resultados alcançados. O artigo fundamentou-se em diversos teóricos como Arroyo (2004), Almeida (2005), Mendonça (2008), Souza (2009), Del Ben e Hentschke (2003), Queiroz (2004) entre outros, que compartilham suas reflexões e discussões sobre a diversidade na educação musical, dando base a esse trabalho.

Palavras-chave: Diversidade musical, Cultura, jovens.

Abstract: This article is an account of completion of the research project "Recital teaching and training audience in teaching practice through musical diversity" performed by three students of music UAB / UNB, and developed with 70 youth in 9th grade of elementary school . The purpose of this is to describe the preparatory stages of project design, implementation, data analysis and finally discuss the results. The article was based on several theoretical and Arroyo (2004), Almeida (2005), Mendonça (2008), Souza (2009), and Del Ben Hentschke (2003), Queiroz (2004) among others, who share their reflections and discussions about diversity in music education, giving basis for this work.

Keywords: Musical Diversity, Culture, youth.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um relato de conclusão do projeto de pesquisa “Recital didático e formação de plateia na prática docente” realizado por três acadêmicos do curso de música UAB/UNB, e desenvolvido com 70 jovens do 9º ano do ensino fundamental. O projeto foi realizado na Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira, situada na cidade de Rio Branco, estado do Acre, com alunos na faixa etária de 14 e 15 anos. O projeto consistiu de três etapas: 1) Pré-projeto, 2) Elaboração do projeto e de material didático; 3) Oficinas preparatórias e realização do recital didático.

A elaboração do projeto ocorreu durante os meses de Maio a Junho de 2012, e foi implementado durante os meses de Agosto a Outubro desse mesmo ano. Os dados de cada etapa foram coletados através de questionários entrevistas e diário de campo. As ações com os

estudantes da Escola, ou seja, as oficinas preparatórias e recital didático, foram registradas em vídeo, para assim serem analisados as fases da pesquisa com todos os resultados encontrados.

O objetivo do projeto era levar a diversidade musical para o campo do ensino regular, no intuito de ampliar o repertório musical, bem como a formação de plateia como preparação para o recital didático. Trabalhar a diversidade na educação musical em contexto cultural distinto é um processo de construção, neste sentido, ao entender-se a diversidade musical necessita-se entender que é necessário uma diversidade de estratégias para o ensino da música. Assim, deve-se:

[...] aprender com os processos informais praticados nos diferentes espaços e contextos da sociedade, não no intuito de transplantá-los para as instituições formais, mas sim com o objetivo de, a partir deles, entender diferentes relações e situações de ensino e aprendizagem da música. (QUEIROZ, 2004, p.102).

2 PRÉ-PROJETO

2.1 Contatos iniciais com a instituição

Esta fase foi o começo de todo o alicerce para essa “construção”, foi o momento em que nós, pesquisadores, entramos em contato com o corpo administrativo da Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira. Nesse contato junto à diretoria, solicitamos que a instituição mais uma vez, cedesse o espaço físico, e que os próprios professores da escola disponibilizassem seus horários para serem feitos o trabalho que nós estávamos propondo. Digo mais uma vez, pois já havíamos tido experiências passadas com alunos dessa mesma escola através dos estágios supervisionados em música 1, 2 e 3. Por causa destas vivências passadas, as portas ficaram “abertas” tanto em relação à parte administrativa da escola, quanto em relação aos discentes, o que facilitou trabalhos futuros relacionados aos nossos estudos de graduação.

Nos meses de Maio a Julho nosso grupo, formado pelos graduandos da Universidade de Brasília, Cibely, Franklin, Genismoni e eu, Thiago Paulo, desenvolvemos um projeto de estágio por meio da disciplina ESM3 cuja temática principal era “Música na Informalidade”. Esse estágio procurou aplicar a metodologia idealizada por Lucy Green (2000, 2001), cuja

proposta é trazer o aprendizado informal de música para dentro de uma instituição formal de ensino. A respeito disso, Almeida reflete sobre essa metodologia de Green:

[...] ao investigar músicos populares, [Green] utilizou a expressão *práticas de aprendizagem musical informal*, em oposição à educação formal, pois elas “não recorrem a instituições de ensino, nem curriculum escrito, programas ou metodologias específicas, nem professores qualificados, nem mecanismos de avaliação ou certificados” (GREEN, 2000, p. 65, grifo da autora). Para a autora, tais práticas existem em todas as sociedades e, embora existam diferenças significativas entre a educação formal e informal, “não são esferas totalmente separadas”. (ALMEIDA, 2005, p. 28)

O projeto foi aberto a todos que quisessem participar, com a única ressalva de que a pessoa fosse estudante da escola, e tivesse idade acima dos 13 anos. Como o tema era voltado ao trabalho extraescolar, nesse caso, os encontros ficaram nos sábado, à tarde.

Neste mesmo período estávamos iniciando a disciplina Elaboração de Projeto Final de Curso- EPFC. O contato prévio com a escola e com essa turma nos auxiliou em relação a qual direcionamento tomar na elaboração do questionário de vivência musical que, posteriormente, iria guiar tanto a problematização quanto subtemas relacionadas ao eixo temático do projeto final de curso: Recital Didático e Formação de Plateia na Prática Docente.

Essa vivência também nos auxiliou na escolha da turma a ser trabalhada, uma vez que tivemos contato com alunos de diversas séries e faixa etária. Assim, a preferência pelas turmas do 9º ano não foi aleatória, pois percebemos, ao longo das aulas, que estes alunos (ensino fundamental) foram os mais receptivos no fazer musical, e demonstraram grande desejo pela diversidade musical, subtema de nossa pesquisa.

2.2 Elaboração e análise do questionário “Enquete de Vivência Musical”

Antes, da elaboração do questionário “Enquete de Vivência Musica” nós pensamos como seria montado toda a enquete. Como seria feita a inclusão da determinação dos aspectos de interesse (relação de assunto) para a pesquisa. Assim, cada item foi pensado de forma a responder as questões relacionadas aos objetivos da pesquisa. Este questionário serviu como um diagnóstico de preparação dos discentes para as oficinas e recital didático, e também para conhecermos o perfil musical deles. Daí a importância na elaboração das perguntas pois, a

partir desses dados coletados, seria elaborado o roteiro das oficinas contemplando o subtema da pesquisa, diversidade musical.

Ao todo, o questionário continha onze questões com perguntas abertas e fechadas, todas voltadas em sondar qual seria a vivência musical daqueles estudantes. A enquête foi aplicada a setenta alunos do turno da tarde, todas as respostas foram pertinentes à realidade vivenciada pelos discentes no seu dia a dia.

Algumas respostas suscitaram situações inesperadas. A primeira pergunta era: “Você gosta de ouvir música?”. O que parecia ser uma pergunta retórica já causou um certo espanto ao constatarmos que, dos setenta estudantes, quatro responderam que não gostam de ouvir música. Todavia, em resposta à segunda pergunta “Escuta música todo o dia?”, somente dois responderam que não. O cruzamento de dados entre as respostas das duas primeiras perguntas sugere que, ao menos dois estudantes, apesar de não gostarem de música, ouvem música todo dia. Duas perguntas rapidamente emergem: 1) O que os estudantes realmente queriam dizer ao responder negativamente se gostavam de música?; 2) Esses dois estudantes que são “obrigados” a ouvir música todo dia, mesmo sem gostar de ouvir música, se sentem, de certa forma, torturados por essa situação?

Na terceira pergunta “Com que frequência escuta música?”, sessenta e quatro alunos responderam esta questão, ficando seis sem opinar. Trinta e quatro deles responderam que escutam música “quatro vezes por semana”, e os outros trinta, marcaram “de vez em quando”. Percebe-se que a sala esta dividida em relação à escuta/apreciação, mesmo eles gostando de música, boa parte só escuta música de vez em quando. Em minha opinião, o que ficou implícito nessas respostas é que a maioria entendeu que “escutar música” significaria uma atitude ativa por parte deles, ou seja, nesse caso só se encaixam aqueles momentos em que esses jovens separam parte de seu tempo para se dedicar à audição de alguma música de sua preferência. Não entraria nessa contagem os momentos diários que, por acaso, ouvimos música “sem querer”, seja através do rádio ligado dentro do ônibus, ou da televisão na sala enquanto estamos em outro ambiente.

A quarta pergunta era à cerca do(s) lugar(es) onde eles escutavam música com maior frequência. Quase todos responderam “em casa”, sendo que a segunda opção mais votada foi a própria escola. Isso pode nos levar a questionar, em quais situações dentro do ambiente escolar esses alunos escutam música com tanta frequência? Confrontando as respostas, talvez

eles se reúnam no pátio ou em algum outro lugar da escola para apreciarem seus gostos musicais de forma coletiva, junto aos colegas mais próximos, isto porque mais da metade das respostas indicavam que eles preferem ouvir música “com os amigos”.

Os ambientes como festas, shows e clubes são espaços costumeiramente frequentados por grande parte desses jovens. Interessante notar que um terço desses jovens também indicaram a igreja como um local de vivência musical. Mas, com base nesses dados, não é possível perceber divisão entre apreciar música secular ou música cristã. Constata-se isso por que, muitos dos vinte e seis que disseram frequentar alguma igreja, também frequentam outros lugares distinto da temática religiosa. E, considerando as denominações tradicionais do ramo protestante, isto é um ato de rebeldia para com sua fé e costume. Para grande parte das igrejas protestantes, a música apreciada deve ser exclusivamente de cunho sacro e, dessa forma, a maioria das pessoas que aprecia música gospel/cristã não se sente a vontade para apreciar outros estilos musicais.

Em geral, esse tipo de discussão não suscita muito interesse para aqueles que estão fora do contexto cristão, sejam evangélicos, protestantes ou católicos. Todavia, num ambiente escolar multicultural, é preciso estar atento às diferentes formas nas quais as pessoas se relacionam com a música. E isso se revela de forma muito acentuada e específica com pessoas que professam determinada fé, pois esses acabam trabalhando dentro de si uma cultura e uma forma de autoavaliação muito própria, totalmente diferente de quem está de fora. Aquela pessoa que vive fora do contexto religioso obviamente não terá problema nenhum em escutar música de todos os segmentos, todos os estilos musicais. Se opta por não ouvir música gospel e/ou cristã, é por escolha pessoal, geralmente de cunho estético ou cultural. Por outro lado, determinados protestantes, evangélicos e recentemente até mesmo alguns católicos, se veem “pressionados” a somente ouvir músicas ligadas de alguma forma à sua religiosidade.

Através dos dados colhidos, percebi que a diversidade musical e cultural está presente de uma forma ampla. Mendonça (2008) explica que a aceitação e integração dos músicos neopentecostais na modernidade tem sido marcada pela adoção de gêneros musicais de sucesso popular, como o funk, o rock, o forró, o pagode, o sertanejo, entre outros.

Esses estilos são introduzidos pela renovação musical cristã, que se sustenta tanto na reprodução dos gêneros musicais nacionais quanto na adaptação de tendências musicais globalizadas em um processo que acompanha a diversidade dos estilos musicais divulgados pelos meios de comunicação de massa. (MENDONÇA 2008, p. 220)

Por fim, essa discussão está totalmente relacionado com a temática da diversidade, pois, se é possível criar estratégias para alunos não religiosos apreciarem e se envolverem em atividades com músicas no estilo gospel, é preciso muito mais flexibilidade e novas estratégias para cooptar um estudante relacionado a uma dessas igrejas/seitas, a ouvir e participar de atividades com músicas que não façam parte de sua religiosidade.

Ainda sobre diversidade musical e cultural, chamou-me a atenção o fato de que apenas três alunos afirmaram que assistem/escutam “concertos”. O cruzamento de dados desta pergunta com a décima primeira questão: “Quais estilo(s) musica(is) você mais escuta?”, apenas uma pessoa respondeu que escuta música clássica. Analisando essas respostas, aponta que somente dois dos três alunos escutam músicas clássicas por algum outro motivo, não por que realmente gostam. Restando somente um dentre eles que apreciam músicas clássicas.

Através deste resultado surgiu alguns questionamentos que me chamaram atenção: 1) Porquê será que os jovens não apreciam músicas clássicas ou eruditas? 2) Será que há uma rejeição em apreciar esse gênero? Ao mesmo tempo é preciso também se perguntar porquê eles deveriam apreciar esse repertório? Será que é importante para eles, irá mudar alguma coisa nos seus comportamentos?

Pertinente a este assunto o artigo de Del Ben e Hentschke (2003, p. 22-24) é bastante orientador, visto que, nesse texto as autoras abordam a criação da Coordenadoria de Programas Educacionais da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, CPE/Osesp, que tinha como objetivo ampliar a atuação da Osesp na comunidade e, principalmente, difundir a música clássica para crianças e adolescentes. Seus objetivos específicos era expandir e formar público para a música de concerto, além de construir elos entre essa música e músicas de outros estilos. Para isso, tomaram como parâmetros norteadores as funções e justificativas para a música na educação, bem como os parâmetros do fazer musical com vistas ao desenvolvimento dos indivíduos nesta área. Em suas conclusões, Del Ben e Hentschke ressaltam que há necessidade de ampliar o acesso a todos os estilos de música, inclusive à clássica, pois esta não é uma exclusividade dos “privilegiados” (p. 43-45). Assim a educação escolar se refletirá na qualidade de música vivenciada pelos professores e alunos. Finalizam dizendo que:

O trabalho educacional de uma orquestra pode transcender a divulgação do repertório clássico, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos em relação à música vivenciada em seus contextos sociais e culturais, sendo

assim, capazes de tomar decisões quanto a suas opções de vivências musicais. (DEL BEN e HENTSCHKE, 2003, p. 43-45)

Na quinta questão, ao perguntar sobre o meio que eles utilizavam para ouvir música, a maioria respondeu que ouvia música pela Internet, no telefone celular, no aparelho de som ou aparelho de DVD. Neste sentido Popolin (2010, p. 113) comenta sobre a importância desta vivência:

Vários estudos apontam o quanto a música é importante para os jovens e que a experiência musical que eles mais vivenciam nos seus cotidianos é a escuta de música, especialmente agora, devido a facilidade de acesso, compartilhamento e distribuição da música através dos meios tecnológicos disponíveis (internet, gravação digital, aparelhos eletrônicos com custo acessível, e outros). De acordo com muitas pesquisas, os jovens passam horas e horas escutando música, seja sozinhos em casa, com seus amigos, na escola, com seus celulares e outros aparelhos eletrônicos de reprodução de música gravada. (POPOLIN, 2010, p. 113)

Como foi possível identificar através desse questionário, escutar e apreciar é a atividade principal de envolvimento dos jovens com a música. Esse texto de Popolin (2010), ainda comenta sobre o desenvolvimento dos aparelhos de áudio, tanto no tamanho em si, quanto a capacidade de armazenar grandes quantidades de músicas, no formato MP3, além do fato de estes serem portáteis e um custo financeiro razoavelmente acessível a todos. Conforme Frith, a música tem-se tornado

[...] inteiramente móvel: pode seguir-nos pela casa, da sala de estar à cozinha ou à casa de banho; acompanhar-nos durante as viagens, como “entretenimento no carro” e “efeito walkman”; atravessar fronteiras políticas e nacionais; acompanhar momentos de amor, trabalho e doença. (FRITH, 1996 apud POPOLIN, 2010, p. 115).

Através do questionário também foi possível identificar que geralmente esses jovens gostavam de ouvir música para curtir com os amigos, dançar, relaxar ou cantar. Ao mesmo tempo, poucos optaram por ouvir música enquanto estão estudando, lendo ou fazendo algum exercício.

A sétima questão abordava a preferência musical, e tinha apenas três opções de respostas: instrumental, cantada, som do corpo ou percussão corporal. Sem muita surpresa a grande maioria escolheu músicas cantadas.

Na nona pergunta quarenta e sete estudantes nunca tinha estudado em uma escola de música, doze deles já estudaram músicas com professores particulares. Sobre aprendizado

musical informal, apenas dez jovens aprenderam tocar algum instrumento sem auxílio de um professor. Apenas duas pessoas participa de alguma banda ou grupo musical. Nesta questão pude perceber o quanto a prática musical estava distante da sua realidade.

A décima questão estava voltada a sondar sobre quais estilos musicais eles mais apreciam. O gênero “Sertanejo universitário” foi o mais votado – por sessenta jovens, em segundo lugar foi o estilo - “romântico” com quarenta e duas, e o “gospel” - ficou em terceiro lugar na opinião dos adolescentes. Para nossa surpresa, as menos votas foram: MPB, choro, bossa nova. Imaginamos que eles tivessem algum apreço pelos estilos da chamada Música Popular Brasileira, mas apenas três, apreciam este gênero. Por ultimo ficou o “clássico/erudito”, dos setenta questionário, como dito anteriormente, apenas uma pessoa ouve por que gosta.

Baseado nos dados coletados e citações teóricas, percebi que, mediante um mesmo grupo de formação escolar, nem todos os aprendizes vivem a mesma experiência, a mesma cultura. Nem todos compartilham as mesmas ideias, os mesmos gostos sejam eles musicais, ou não. A escola é um lugar formado por pessoas com diversos grupos étnicos, com seus costumes e crenças. Segundo Morin (2001, p. 56)

a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas. (BARRUFFI, 2012 p. 02 apud MORIN 2001, p. 56)

Considerando o gosto musical deste alunos, os dados revelam uma tendência mais acentuada ao sertanejo universitário e gospel. A partir desses dados, nós pesquisadores começamos a nos questionar: qual o tipo de percepção musical estes alunos teriam e qual seria a atitude destes em relação a participação de oficinas e de um recital didático baseados na diversidade musical, onde eles pudessem fruir diversos gêneros musicais de diversas culturas diferentes?

3 ELABORAÇÃO DO PROJETO E DE MATERIAL DIDÁTICO

3.1 O Projeto

Esta fase constituiu do planejamento a elaboração de tudo o que foi necessário à realização da pesquisa em si, tais como o levantamento de recursos materiais e humanos necessários, definição de espaço físico e outros instrumentos necessários para o acontecimento da pesquisa. Partindo deste pressuposto e dos dados obtidos pelo questionário anterior, as questões de pesquisas foram: 1) Qual a contribuição do recital didático para a formação de plateia e na prática docente? 2) Como o recital didático pode ampliar a percepção, através da diversidade musical?

3.2 Metodologia

O modelo de pesquisa utilizado em todo trabalho final do curso, deu-se, por meio da pesquisa-ação, um método que une a pesquisa à ação, pois, busca desenvolver o conhecimento e a compreensão junto à mesma. Desta maneira, o pesquisador é participante da prática em si, intencionando uma melhor compreensão de todas as fases da pesquisa. Por isso, o modelo mostrou-se o mais adequado para o projeto pretendido, permite uma maior interação entre pesquisadores e participantes da pesquisa, superando-se assim, a lacuna entre teoria e prática. Os pesquisadores podem intervir no decorrer do próprio processo de pesquisa, e não apenas na etapa final do projeto. Engel assim resume sua visão sobre essa metodologia:

A pesquisa-ação é um instrumento valioso, ao qual os professores podem recorrer com o intuito de melhorarem o processo de ensino-aprendizagem, pelo menos no ambiente em que atuam. O benefício da pesquisa-ação está no fornecimento de subsídios para o ensino: ela apresenta ao professor subsídios razoáveis para a tomada de decisões, embora, muitas vezes, de caráter provisório. Parte da formação dos indivíduos fica fácil pensar o papel da música na educação, dentro de um projeto de democratização no acesso à cultura, mais especificamente no acesso à arte. (ENGEL, 2000, p. 182)

Pelo fato, de permitir intervenção, a qualquer tempo, desde o primeiro momento, optou-se por este modelo pesquisa, pois assim existe a possibilidade de avaliar paulatinamente os resultados do processo, realizando-se, então, as devidas correções necessárias, como também pelo caráter de informalidade que este modelo permite.

3.3 Elaboração do material didático

Através das respostas obtidas na primeira investigação, com base nesse dados iniciamos a elaboração do material didático que seria utilizado durante todo o desenvolvimento das oficinas e recital didático.

Assim, mediante resultados, percebemos uma baixa porcentagem de alunos que não apreciam outros estilos ou ritmos musicais brasileiros, a não ser Sertanejo universitário e gospel. Além disso, observamos também que nossos alunos não costumam ouvir músicas em shows ou recitais e concertos. Partindo desses pressupostos, decidimos por elaborar um repertório que valorizasse a música do aluno seus gêneros musicais preferidos, e inserimos outros estilos brasileiros. No mesmo sentido acrescentamos músicas que não fazem parte de seu cotidiano, que estão totalmente fora do contexto cultural, como é o caso das músicas dos períodos históricos que vão da música medieval à contemporânea do século XX. Portanto, elaboramos as oficinas com o objetivo de diversificar este contexto cultural e/ou musical dos estudantes, assim, eles iriam ter a oportunidade de vivenciar, participando e apreciando músicas brasileiras de outros gêneros, como também, de diferentes períodos da música Europeia.

Toda a elaboração do repertório em si, foi pensado em grupo, cada membro apresentou sugestões que combinassem as ideias – valorização da música do aluno x ampliação de repertório (gêneros conhecidos no Brasil e outros países). Foram sugeridas diversas músicas, em todas analisamos todo o seu contexto – instrumentação, timbre, execução, entre outros elementos, a fim de não fugir do foco, diversidade musical no contexto escolar. Partindo desse pressuposto, organizamos um repertório eclético baseado na diversidade musical brasileira e culturas dos períodos históricos.

Após, ser feita a seleção do repertório, idealizamos todo o material didático em um encarte, isto, para proporcionar ao aluno um contato com informações acerca de toda a programação da apresentação, contendo os gêneros/estilos que trabalharíamos; curiosidades e uma breve história sobre os períodos da evolução musical; instrumentos musicais correspondentes aos estilos escolhidos; músicas em sequência cronológica dos períodos

músicas (medieval ao contemporâneo), mostrando autores, e assim, aprendendo e conhecendo melhor sobre a miscelânea musical que originou os estilos. Certamente um material simples, mas, ao mesmo tempo atrativo, proporcionando-os satisfação, descontração, tornando mais prazeroso ao aluno adentra no mundo musical que estávamos propondo, por fim, estimulando o senso crítico musical destes estudantes.

4 OFICINAS E RECITAL DIDÁTICO

4.1 Oficinas

Ao todo foram realizadas três oficinas em três semanas consecutivas, sendo que, cada pesquisador ministrou a sua, ressaltando que em todas não houve trabalho individual e sim, participação de todo o grupo. Estas aconteceram nos horários da disciplina de “Artes”, com a presença da professora responsável pela turma, dando suporte caso precisássemos. A primeira oficina ocorreu no dia cinco de setembro, com o tema “Diversidade musical: ritmos do mundo”. A proposta era trazer aos alunos conhecimentos sobre músicas e culturas diversificadas, onde através de áudio e vídeos eles tiveram um breve contato com esses variados gêneros musicais espalhados pelo mundo a fora, entre eles: músicas da cultura chinesa, japonesa, angolana, africana, indiana, entre outros. Este primeiro vídeo serviu como uma ponte para eles melhor entender sobre cultura de uma determinada região. O impacto destes contextos, fora de suas realidades, fez com que eles refletissem à cerca da importância de compreender e respeitar as particularidades multiculturais, sobre este assunto Penna relata que devemos

[...] enfocar, particularmente, a diversidade cultural. Lidar com a pluralidade evita, portanto, o etnocentrismo de tomar como referência a nossa própria música (inclusive considerando-a “redentora”), desconsiderando as produções artísticas, culturais e musicais dos grupos com que se trabalha. (PENNA, 2006, p. 38-39)

Em base nisso, Queiroz (2004, p. 100) analisa, através das relações entre os campos de estudo da etnomusicologia e da educação musical, como o contato com outros universos musicais pode possibilitar uma dimensão mais ampla e transformadora no ensino e aprendizagem da música.

Ainda na primeira oficina seria trabalhado duas propostas, a outra foi “Diversidade musical brasileira”, onde seria mostrado músicas do nosso repertório, voltado à mostrar a alguns dos gêneros musicais que está ao nosso “redor”, com objetivo de ampliar o contexto musical deles. Acerca disto, Queiroz (2004, p. 99) cita sobre a necessidade de ampliar e implementar uma educação que abranja os diferentes “universos” de uma cultura e os distintos discursos e “sotaques musicais” presentes em cada realidade. O autor também acrescenta que, para buscar um entendimento de uma cultura e/ou grupo social, é de grande relevância considerarmos quais os tipos de música existentes, e como eles são vivenciados pelos membros dessa cultura e/ou desse grupo (p. 101-104). Esses Mundos que podem ser distintos dentro de um mesmo território, dentro de uma mesma sociedade e/ou até dentro de um mesmo grupo. Assim, nesta perspectiva, pode-se perceber que a diversidade musical brasileira faz com que não tenhamos um único Brasil, mas sim “brasis”, no que se refere aos aspectos artísticos- culturais.

Pensando nisso, no fim das apresentações dos vídeos, fizemos uma discussão do conteúdo apresentado na oficina, para junto debatermos sobre suas opiniões sobre diversidade no contexto cultural. Acerca disto, Queiroz (2004, p. 99), discute as relações entre educação musical e cultura, propondo realizar uma análise das diferentes dimensões do ensino-aprendizagem da música dentro de uma determinada realidade social, enfocando tanto a necessidade de uma educação musical adequada aos valores particulares de um contexto cultural, assim como uma proposta educacional de ensino da música que possa abarcar diferentes universos musicais. Na resposta do questionário, na pergunta da avaliação das atividades práticas sobre culturas/músicas de diferentes países, as respostas foram: 43% escolheram a opção “Bom” e 50% a “ótimo”.

Na segunda oficina as “Músicas Clássica/Eruditas” foi abordada através de vídeos, onde os alunos puderam vivenciar as músicas dos períodos renascentista, barroco, clássico e romântico. O comportamento dos alunos diante da apresentação dos vídeos com as músicas de cada período foi, de início, desprezada pela maioria. Os alunos reclamavam muito, alguns chegaram a falar: - “Ah, não gosto dessas músicas”. Inclusive, em relação às respostas da pergunta ao questionário de avaliação das oficinas (pergunta nº 5 - Qual sua opinião para melhorar as oficinas?), a maioria das respostas foram “trabalhar músicas mais atuais”, mesmo que, nós tivéssemos explicado os objetivos das oficinas, que eram prepará-los para o recital didático, através da diversidade musical. Porém, eles não queriam dar espaço para as músicas

eruditas. Mesmo com esta repulsa continuamos a mostrar os vídeos, mostrando as características da música de cada período até chegar a música da atualidade, e mostramos as relações que estas tem uma com a outra.

Para trabalharmos com músicas clássicas nesta oficina, nos baseamos nas conclusões de Krüger e Hentschke onde ressaltam que há necessidade de ampliar o acesso a todos os estilos de música, inclusive à clássica, pois esta não é uma exclusividade dos “privilegiados” (2003, p. 43-45). Assim, a educação escolar se refletirá na qualidade de música vivenciada pelos professores e alunos. No entanto, ao longo das oficinas houve mudanças de opiniões e aceitação à diversidade musical, pois, no questionário de avaliação, 55% dos alunos optaram como “ótimo” as atividades práticas relacionadas à música erudita, não tivemos cem por cento de aceitação, mas, para um projeto a curto prazo igual este desenvolvido, esta porcentagem de aceitação é válida.

Na terceira oficina foi trabalhado o tema “Formação de Plateia”, os alunos presenciaram uma amostra de como seria uma apresentação de um recital didático. Também participaram cantando e tocando músicas dos seus repertórios. Nesta oficina nós pesquisadores participamos da atividade prática, onde observamos um melhor comportamento desses alunos mediante ao repertório diversificado. Contudo, as oficinas tiveram como objetivo: Ampliar o repertório musical destes alunos, bem como, a formação de plateia para o recital didático. O questionário apontou que 52% dos alunos avaliaram as atividades práticas sobre o recital didático e formação de plateia, como “ótimo”.

4.2 Recital Didático

A fase final de culminância do projeto “Recital didático”, com o tema “diversidade musical: do Erudito ao Popular” foi realizado no mês de outubro deste ano. O tema foi baseado segundo o texto de Penna (2003. p, 77) que fala,

A proposta para música dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Arte (Brasil, 1997, 1998; PENNA, 2001b), uma orientação oficial para a prática pedagógica nas escolas, aponta para uma concepção de música bastante aberta, que considere a diversidade de manifestações musicais, trazendo o desafio de superar a histórica dicotomia entre música erudita e popular.

Assim a ideia para apresentação do repertório do recital, foi pensado em questões de diversidades musicais, a qual vinha trabalhando em todo o projeto, desde as oficinas ao recital. Ao todo seria apresentado doze músicas de períodos históricos diferentes, ou seja, da música medieval à contemporânea do século XX.

Para o preparo do recital didático, tivemos ainda muito trabalho, com a criação da arte para o encarte e convite, as confecções destes, e ensaios diários. No dia da apresentação do recital, organizamos a quadra de esportes, todos os alunos ficaram sentados num local arejado e bem posicionados, podendo apreciar tudo de perto sem problemas. A aceitação foi geral, ficaram bem comportados, e no final agradecemos pelo comportamento, participação e cooperação desde o início do trabalho.

Este é o trabalho pós-projeto, sendo a construção de meu artigo que busquei apresentar minhas experiências vividas, desde a música dos adolescentes, a formação desse contexto, as influências nessa formação, e contato com a música erudita (como se deu, e se houve mudanças positivas, aceitação).

Ter trabalhado com esses aspectos “a diversidade musical” nesse campo de ensino “escola regular”, foi um desafio muito grande e pude perceber que a construção de aprendizagem e mudanças de paradigma foi um trabalho gradual. Acreditamos que muitos desses jovens teve seu conceito transformado, passando a aceitar a música de outro universo, de outra cultura em seus repertórios, lembrando que em todos os momentos a música do aluno foi valorizada, sendo que o objetivo era somente ampliar o repertório, e não criticar o gênero de cada um.

Nesse sentido, Queiroz (2004, p. 101-104) diz que “para buscar um entendimento de uma cultura e/ou grupo social é de grande relevância considerarmos quais os tipos de música existentes, e como eles são vivenciados pelos membros dessa cultura e/ou desse grupo”. Assim, nesta perspectiva, pode-se perceber que a diversidade musical brasileira faz com que não tenhamos um único Brasil, mas sim “brasis”, no que se refere aos aspectos artístico-culturais”. Dessa visão decorre a diversidade musical, onde a música rompe as barreiras territoriais, invadindo e misturando valores característicos de distintos grupos, influenciando culturas e servindo como arcabouço da dominação das mais priorizadas e divulgadas pela mídia e pela indústria cultural. Queiroz (2004, p. 104) enfatiza:

A educação musical contemporânea se preocupa em valorizar, entender, compartilhar e dialogar com músicas de diferentes contextos, proporcionando uma interação entre os processos de ensino-aprendizagem da música dentro da escola com os demais processos vivenciados no mundo cotidiano do indivíduo.

Em continuação ao recital propriamente dito, logo após a apresentação do mesmo, percebi que o comportamento da maioria dos jovens estava diferente, pois, alguns falaram que iniciaria o estudo de instrumento de orquestra, outro disse que em sua casa tinha um piano, mas que nunca dera atenção ao estudo deste instrumento. Foram diversos os resultados obtidos antes e após a apresentação do recital didático.

O resultado do questionário de avaliação do recital foi surpreendente, comparando esses resultados com os resultados das oficinas, pode-se dizer, que houve uma aceitação do repertório diversificado, desde a música erudita à contemporânea. Na pergunta do questionário, “Quais estilos/gêneros musicais que mais chamou atenção?” - Música medieval- 15%, Música clássica – 44%, Música popular – 40%.

5 CONCLUSÃO

A cerca da diversidade musical Queiroz ressalta que

a complexidade da diversidade musical brasileira tem sido amplamente discutida e analisada por estudiosos de diversas áreas. Ainda relata que a educação musical brasileira tem focado sua atenção sobre os diferentes universos musicais do nosso país, criando assim, uma identidade que nos singulariza pela sua dimensão plural, pois o Brasil é um país que apresenta um contexto cultural/musical que possui músicas de diferentes significados, usos e funções, simbolizando a diversidade identitária de uma cultura, no caso a cultura brasileira. (QUEIROZ, 2004, p. 99-100)

Dessa forma, considero que desenvolver a diversidade musical no campo da educação formal é ainda um desafio pois, como bem nos lembra Almeida, a “diversidade é um tema que transversaliza todas as áreas do conhecimento, embora a maior concentração da produção científica sobre essas questões esteja na educação, na sociologia, na antropologia e no direito” (ALMEIDA, 2010, p. 2).

Quero, ao longo de minha carreira docente, buscar conhecimentos metodológicos sobre esse tema para uma discussão mais ampla e aprofundada. Conhecimentos que subsidie minha pedagogia em sala de aula.

Todo este projeto fez com que os alunos refletissem sobre as relativas influências da música em suas vidas, isto no jeito de se portar, se vestir, de se comunicar e agir perante os outros. Podemos pensar sobre outras formas de interferência dos diferentes gêneros musicais em nossas vidas e na vida das outras pessoas.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristiane Maria Galdino de. Diversidade e formação de professores de música. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 45-53, set. 2010.

ALMEIDA, Cristiane Maria Goldino. *Educação musical não-formal e a atuação profissional: Um survey em oficinas de música de Porto Alegre- RS*. Porto Alegre: UFGS, 2005.

ALMEIDA, Cristina. Educação musical e diversidades: aproximações. Professora Doutora da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. Educação, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 73-90, jan./abr. 2012.

ARROYO, Margarete. *Adolescentes e música Popular: recorte de uma revisão bibliográfica*. Revista da ABEM, p. 704, 2004.

BARUFFI, P. H. G. Diversidade Cultural e Currículo Escolar In: Jornada de Pedagogia, 11ª. (JP), 2012, Cáceres/MT. Anais Vol. 11 (2012). Cáceres/MT: Departamento de Pedagogia – Campus Universitário de Cáceres, 2012. Cód. 7347. CDROM 2175-7712.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. O Evangelho segundo o gospel: mídia, música pop e neopentecostalismo. Revista do conservatório de música da UFPel. Pelotas, nº 1, 2008, p. 220-249

PENNA, Maura . Apre(e)ndendo músicas: na vida e nas escolas. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 9, 71-79, set. 2003.

POPOLIN, Állisson. O que os jovens do ensino médio aprendem de música através de suas experiências diárias de escuta: Um estudo de caso. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. SIMPOM: Subárea da educação musical, 2010

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar. 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry e outros. Pesquisa Social; métodos e técnicas. São Paulo, Editora Atlas, 1985. Capítulo 9. Construção dos questionários. p. 146-157

SOUZA, Jusamara; TORRES, Maria Cecília de Araújo. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009. ISSN 2175 3172

HENTSCHKE, Liane, e DEL BEN, Luciana, organizadoras. Em: *Ensino da música: propostas para agir e pensar em sala de aula*. Capítulo 1: *Contribuições das orquestras para o ensino de música na educação básica*, de São Paulo. Moderna.2003.